

impenetrável escuridão pelos poderes da Vida e da Morte, por temer que a vida perdesse o sabor de corajosa aventura se o mistério da morte e do sofrimento se resolvesse e se a incerteza fosse substituída pela certeza de uma futura beatitude. Um sonho curiosamente vívido abalou sua fé nessa tentativa de explicar a ignorância humana (. . .) Essa busca da verdade levava-o por caminhos de escuridão e perigos imprevistos, mas no prazo de um ano (. . .) surgiu uma resposta.

Ela brilhou como relâmpago, durante uma apresentação da Sétima Sinfonia de Beethoven no Queen's Hall, naquele movimento triunfante em que "as estrelas matutinas cantaram em coro e todos os filhos de Deus jubilaram de alegria". Não se interrompeu o rápido fluxo da música, de modo que "a interseção do momento sem tempo" de que fala o Sr. T. S. Eliot deve ter ocorrido no intervalo entre duas fusas. Quando, tempos depois, analisei o acontecimento à fria luz da distância, ele me pareceu dividir-se em três partes: primeiro, o misterioso evento em si mesmo, que ocorreu numa fração infinitesimal de um segundo — e isto aprendi mais tarde com Santa Teresa que se chama União com Deus; depois, a Revelação, um fluxo *sem palavras* de sentimentos complexos em que a experiência da União com Deus combinava com a rítmica emoção da música como um raio de sol atingindo com iridescência as gotículas acima de uma cascata — uma corrente que aumentava continuamente com as contribuições da Experiência; finalmente, a Luz, a tranqüila lembrança de toda a complexidade da Experiência, como que preservada em palavras e formas de pensamento.

Temos a quase certeza de que esta é a experiência de que fala William James, quando levamos em conta sua observação preliminar de que suas próprias experiências eram extremamente breves: "Uma vez eu conversava com uma pessoa, mas duvido que meu interlocutor notasse minha abstração". A segunda fase de Warner Allen — o fluxo sem palavras de sentimentos complexos — constitui claramente a expansão exteriorizante de associação descrita por James. Em resumo, o prazer e a excitação da música concederam energia à mente de Warner Allen, até que de súbito, como uma faísca que salta, ele chegou à "introvisão", à vista aérea.

É a experiência mística que Chesterton definiu como sensação de "notícias boas e absurdas", a alegria que explodiu em Fausto quando ele ouviu os sinos da Páscoa, a poderosíssima sensação de introvisão que muitas vezes acompanha o orgasmo sexual.

Charlotte Bronte descreve um vislumbre semelhante em *Shirley*, uma visão súbita que provoca êxtase, uma "visão da vida como ela a deseja. Não. . . não como a deseja; ela não tem tempo para desejar: a glória passageira se espalha, animando e inflamando seu esplendor antes que o Pensamento possa rea-

lizar suas combinações, antes que a Aspiração manifeste seus desejos". As palavras são tão semelhantes às de William James que alguém poderia até achar que inconscientemente ele as teria citado.

Em *A Drug Taker's Notes*, R. H. Ward fala de suas próprias experiências com ácido lisérgico, mas depois conclui não serem genuinamente "místicas". Para comparar com as suas, ele menciona a experiência mística de um amigo:

Ontem à noite, quando voltava para casa vindo da estação, vivi uma dessas experiências estranhas de "se elevar dentro de si mesmo", de "vir para dentro" (. . .) Cerca de um minuto depois que saí da estação, fui acometido (. . .) de indigestão (. . .) Pensei comigo mesmo, embora certamente com menos palavras: "Eu conseguiria me separar desta dor. Ela só pertence a meu corpo e é real apenas no plano físico. Não há por que eu eu a sinta". No momento em que pensei isso a dor desapareceu; ou seja, ela de alguma forma foi deixada para trás, porque eu, ou o meu eu, fora para algum lugar onde ela não estava. E teve início a sensação de "se elevar dentro de si mesmo". (. . .) tenho a impressão de que o movimento deu forças a essa sensação [. . .]

Em primeiro lugar, advém a indescritível sensação na espinha, como algo que se avoluma, uma sensação que em parte é prazer e em parte é dor, uma sensação física e no entanto — se isto faz sentido — começa a não ser física. Isso tudo foi acompanhado de uma extraordinária sensação de *leveza corporal*, de bem-estar e de ausência de esforço, como se os membros não tivessem peso e a carne de súbito se transformasse nalguma substância mais rarefeita. Mas de alguma forma também foi uma sensação de viver mais na parte superior do corpo do que na inferior, uma determinada consciência da cabeça como sendo (. . .) a parte mais importante e inteligente do corpo. Houve ainda a percepção de que a expressão facial mudava; os olhos permaneciam mais abertos do que normalmente; os lábios sorriam involuntariamente. Tudo se tornava "mais", tudo *subia para outro nível* (. . .)

Descobri que adquiria uma nova forma de pensar. Ou melhor, seria mais exato dizer que eu pensava-e-sentia de um jeito novo, pois era difícil distinguir o pensar do sentir (. . .) *Era como possuir uma nova faculdade*. [Grifo meu.]

Ele fala da sensação de prazer associada aos objetos comuns, e isto tem muito em comum com a descrição de Huxley acerca da sensação de captar o "ser" das coisas sob o efeito da mesalina. No entanto, a experiência por certo tem a ver com uma consciência daquelas "outras dimensões do tempo". Por exemplo, ele explica que o pensamento da morte não só deixava de ser algo a temer, como que a morte parecia positivamente tornar-se a "Querida, formosa morte. . ." Acrescenta que sentia como se facilmente pudesse deixar a própria vida porque "era evidente que vivemos sob outras formas que não